

Saúde deve ter concorrência externa

Análise recomenda a criação de normas para atuação das empresas no País

Assis Moreira
de Genebra

O ministro da Saúde, José Serra, declarou-se ontem em Genebra favorável à presença comercial estrangeira nos serviços de saúde no Brasil, inclusive para investimentos em hospitais e clínicas e assim aumentar a concorrência nesse setor.

"A participação estrangeira está garantida no projeto de lei dos planos de saúde que o Senado deve votar esta semana e isso é muito bom", observou o ministro, depois de assistir ao lançamento de um livro sobre o comércio internacional de serviços de saúde, evento paralelo à assembleia anual da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Esse livro, publicado em conjunto pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad) e a OMS afirma que apenas 11% do mercado privado de saúde no Brasil está realmente aberto à concorrência externa, já que as empresas estrangeiras só podem operar com seguros de saúde.

Em estudo específico sobre o Brasil, Simonetta Zarilli, da Unctad, constata que a presença comercial estrangeira no país não trouxe os resultados esperados — por exemplo, a baixa dos preços de seguros — porque "essas companhias não estão sendo autorizadas a investir em clínicas, hospitais e outros têm que operar num mercado caracterizado por infra-estrutura deficiente e competição limitadíssima".

Segundo o estudo, porém, seguradoras dos Estados Unidos têm sido particularmente bem-sucedidas no Brasil. Do mesmo modo, companhias européias, embora com menos experiência no setor de saúde, demonstram grande interesse no mercado brasileiro "especialmente porque elas esperam ser autorizadas a operar também com seguros de vida e fundos de pensão" no País.

No entanto, recomenda que a abertura do mercado de serviços de saúde no Brasil seja acompanhada de uma série de normas apropriadas, como critérios mínimos para entrada de empresas estrangeiras, indicando cobertura mínima que os planos de saúde devem oferecer, e incluindo condicionantes para a presença delas no mercado brasileiro.

"Se o Brasil deseja abrir seu mercado à competição, deve ter um quadro adequado, porque grandes corpo-

rações atuando em áreas de hospitais, seguros e planos de saúde podem abusar de sua força no mercado e tirar vantagens com a falta de regras", alerta a especialista da Unctad.

O mercado brasileiro parece especialmente promissor para firmas estrangeiras, diante da tragédia do sistema de saúde público e da consequente emergência de um sistema privado que já abrange 41 milhões de pessoas e movimenta US\$ 13,3 bilhões por ano, correspondendo a 1,6% do Produto Interno Bruto (PIB). Dentro de dois anos, de acordo com estimativas da Unctad, nada menos que 57 milhões de brasileiros vão ter seguros privados de saúde.

A disparidade entre os setores público e privado no Brasil é destacada no estudo em toda sua crueza: o setor privado, que serve apenas um quarto da população, pode oferecer 4.300 hospitais, mais de 370 mil leitos e 120 mil doutores. Enquanto o setor público, destinado a 75% da população, tem menos de 7 mil hospitais, 565 mil leitos e 70 mil médicos.

Em estudo sobre o Brasil, a Unctad constata que a presença estrangeira não resultou na redução dos preços

É nesse contexto que o ministro José Serra coloca um bemol na análise otimista da direção da OMS sobre a situação da saúde no mundo. Em discurso que vai pronunciar hoje na assembleia anual, Serra vai sugerir que a organização leve em conta situações preocupantes e presentes nos países em desenvolvimento, tais como "o aumento da violência como fator que incide negativamente sobre os níveis de saúde e de expectativa de vida das populações, em razão de altas taxas de homicídios e de outras causas externas de morte; os impactos sobre os principais indicadores da saúde em decorrência do crescimento das desigualdades sócio-econômicas que não pode ser ignorado e da crise generalizada dos sistemas de proteção social, e, finalmente, a falta de um pleno reconhecimento da sobrecarga que os sistemas de saúde dos países em desenvolvimento enfrentam em razão do volume crescente e da diversidade de demandas, da elevação exponencial dos custos de assistência médica e da escassez de recursos (financeiros, humanos e materiais) disponíveis".

Assim, o Brasil tem um longo caminho a percorrer até pensar em concorrer no mercado internacional de serviços de saúde. A Unctad e a OMS estimam que vários países em desenvolvimento podem ter enormes chan-

ces com a globalização dos serviços de saúde, setor que movimenta US\$ 2 trilhões apenas nos países industrializados. Por exemplo, Cuba e Jordânia estão atraindo turistas para se tratarem em suas clínicas, e a China exporta sua tradicional medicina para todos os cantos do planeta.

Com o livro na mão, o ministro José Serra foi apresentado pelo diretor da Unctad, Rubens Ricupero, ao ministro da saúde da Jordânia, que de-

sejou-lhe um "Deus te ajude" ao saber que ele ocupa o cargo há apenas um mês. Por sua vez, Ricupero lembrou que quando era ministro da Fazenda, em 1994, tinha como maior preocupação em todo o final de mês justamente a fatura encaminhada dos hospitais.

O ministro também anunciou a compra de 200 milhões de preservativos, este ano, para o combate a Aids. Os soldados receberão 14,4 milhões de unidades.